



BOLETIM DE COMÉRCIO  
EXTERIOR DA BAHIA  
FEVEREIRO 2026

## Desempenho do Comércio Exterior baiano – Fevereiro 2026, 3

### Importações, 6

#### Apêndice A – Fevereiro 2026

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

#### Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Fevereiro 2026

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados



#### Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

#### Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

#### Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

#### Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

#### Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

#### Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Flávio de Jesus Sales

Luciano Bruno Sena Neves (estagiário)

Siradio Hélio Santos Diallo (estagiário)

#### Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

#### Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

#### Coordenação de Produção Editorial

##### Editoria de Arte

##### Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

#### Revisão Ortográfica

2Designers

#### Editoração

Nando Cordeiro

As exportações baianas tiveram uma queda de 23,2% em fevereiro, no comparativo interanual, atingindo US\$ 730,9 milhões<sup>1</sup>, resultado de desempenhos negativos na indústria de transformação, que registrou recuo de 34,4% no comparativo com o mesmo mês do ano passado devido, principalmente, à perda de competitividade da indústria química, assolada por importações asiáticas a custo menor, e da agropecuária, que teve queda de 11,1%, resultado da prevista redução na produtividade da safra de grãos.

Embora o setor represente apenas 7,0% das exportações estaduais, o grande destaque do mês foram as vendas externas da indústria extrativa, com incremento de 359,5%, puxado pela valorização do ouro que já supera US\$ 5.180 por onça-troy, para contratos futuros com entrega em abril. Os metais preciosos, como um todo, tiveram fortes altas no começo deste ano, renovando recordes de fechamento sucessivas vezes, à medida que investidores correram para o ouro e a prata como um refúgio diante de incertezas geopolíticas.

No primeiro bimestre, as exportações estaduais atingiram US\$ 1,45 bilhão, com queda de 18,6%, enquanto as importações somaram US\$ 1,59 bilhão, em alta de 4,0% ante igual período de 2025. O déficit comercial do estado, no primeiro bimestre, foi de US\$ 146,1 milhões, enquanto que a corrente de comércio atingiu US\$ 3,0 bilhões, 8,1% inferior ao bimestre de 2025.

As cotações mais altas do petróleo devido à guerra no Oriente Médio podem ampliar o déficit comercial baiano. O conflito também pode desencadear uma série de impactos sobre preços, inclusive de insumos estratégicos para o estado como alta no preço de fertilizantes (agricultura) e nafta (indústria), além do aumento dos fretes marítimos, seguro de carga e atraso em rotas de entrega.

Em fevereiro, comparando com igual mês do ano anterior, o desempenho dos setores exportadores foi o seguinte: queda de US\$ 29,7 milhões (-11,1%) em *Agropecuária*; de US\$ 230 milhões (-34,4%) em *Indústria de transformação*; e de crescimento de US\$ 40,4 milhões (359,5%) em produtos da *Indústria extrativa*.

Olhando a exportação por destinos, a perda aos Estados Unidos se manteve em fevereiro. A receita de embarques

aos americanos encolheu 30,2% ante igual mês de 2025. O dado ainda não reflete a decisão da Suprema Corte americana, que determinou a ilegalidade do chamado tarifaço. O país e a Bahia, pode ser um dos maiores beneficiados, mas a retomada das exportações aos americanos é incerta porque a reorganização entre clientes e fornecedores pode ter gerado efeitos perenes nas relações comerciais entre Brasil e EUA.

Além da queda aos EUA, houve, em fevereiro, recuo nos embarques à Argentina (-57,2%). Para a China, houve alta de 22,5%, e para a União Europeia, de 23,9%. Houve avanço das exportações para o Canadá e Países Baixos em fevereiro. O movimento, parece refletir embarques maiores de *commodities*, especialmente ouro e níquel para o Canadá e de soja e biodiesel para os Países Baixos, com natureza logística de elevada volatilidade mensal. Ainda assim, o resultado é consistente com a tendência estrutural de maior inserção da Bahia no mercado canadense (segundo maior destino para as exportações baianas em 2026) e na demanda por insumos da agroindústria europeia. A expectativa de implementação do acordo entre Mercosul e UE já pode ter começado a facilitar negociações diretas com os europeus.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia Jan/fev. 2025/2026**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2025	2026	Var. %
Exportações	1.779.420	1.448.782	-18,58
Importações	1.533.340	1.594.907	4,02
Saldo	246.080	-146.125	-
Corrente de comércio	3.312.761	3.043.689	-8,12

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 mar. 2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>.  
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).  
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

O crescimento do comércio mundial de mercadorias deve desacelerar significativamente em 2026, pressionado pelas tensões geopolíticas no Oriente Médio e pelo aumento dos custos de energia. De acordo com relatório divulgado pela Organização Mundial do Comércio (OMC), a expansão prevista é de 1,9%, bem abaixo dos 4,6% registrados em 2025.

Apesar de o comércio internacional ainda demonstrar resiliência — especialmente impulsionado pela demanda por tecnologias ligadas à inteligência artificial — o cenário global se tornou mais incerto. Segundo a

1 Dados provisórios, sujeitos a revisão

diretora-geral da OMC, Ngozi Okonjo-Iweala, o conflito envolvendo Estados Unidos e Israel contra o Irã tem elevado os preços do petróleo e do gás natural, além de provocar impactos nas cadeias logísticas.

Caso os preços de energia permaneçam elevados ao longo do ano, economistas da OMC alertam que o crescimento do comércio pode cair ainda mais, chegando a 1,4%. Um dos principais pontos de preocupação é a possibilidade de bloqueio prolongado do Estreito de Ormuz, rota estratégica para o transporte global de energia e insumos.

A interrupção nesse corredor marítimo pode afetar diretamente a oferta de ureia, essencial para a produção de fertilizantes, comprometendo países produtores como Índia, Tailândia e Brasil. Esse cenário amplia os riscos à segurança alimentar em diversas regiões.

Além disso, a manutenção de preços elevados de energia pode reduzir em até 0,5 ponto percentual o crescimento do comércio global, impactando principalmente economias asiáticas e europeias que dependem da importação de combustíveis.

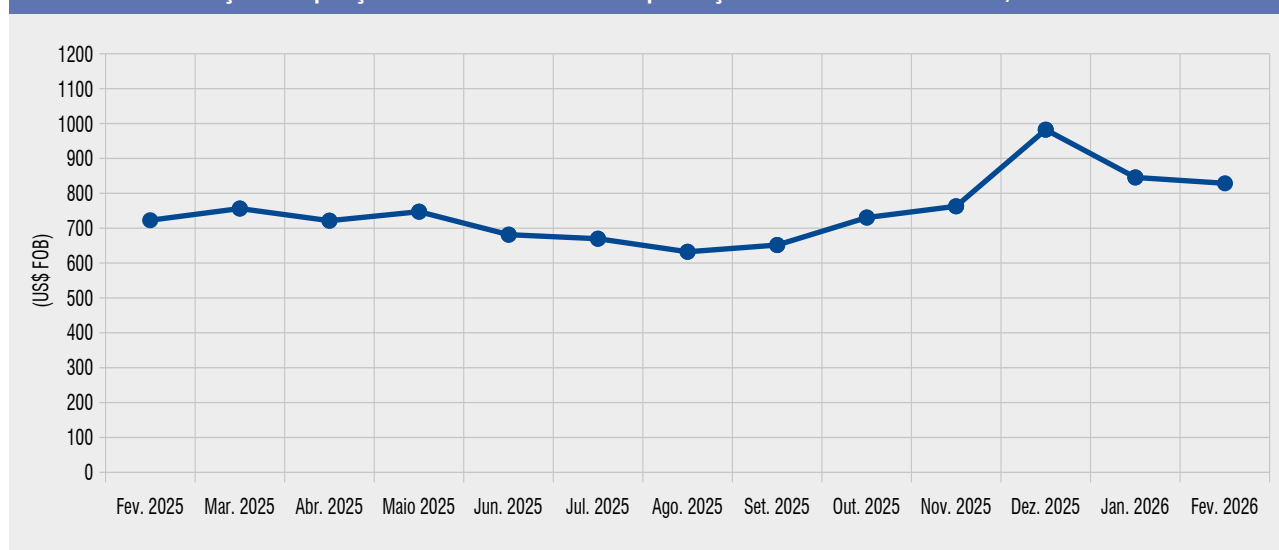
O comércio de serviços também deve sentir os efeitos da instabilidade. A previsão de crescimento caiu de 4,8% para 4,1%, refletindo dificuldades nos setores de transporte e aviação. Em 2025, esse segmento havia apresentado alta de 5,3%.

Mesmo diante das incertezas, a OMC destaca que a diversificação de mercados e a inovação tecnológica continuam sendo fatores importantes para sustentar o comércio global em um ambiente cada vez mais desafiador.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado, em janeiro, oscilaram negativamente em relação a janeiro, com recuo de 2,0%, mas ficaram positivos quando comparados aos preços médios do mesmo mês de 2025, em 14,7%.

A guerra envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã deve ter efeitos diversos para as diferentes cadeias de produtos exportados e importados pela Bahia. Para o setor mineral, com o melhor desempenho no bimestre, a expectativa de analistas é de impacto limitado nos preços, enquanto para a celulose, os principais temores estão relacionados aos custos do transporte marítimo. Para os fabricantes de papelão ondulado, a possível redução de vendas de alimentos para o Oriente Médio pode levar à redução na demanda por embalagens, enquanto a indústria química poderá sofrer com os preços da nafta, principal matéria-prima no país. Já para o agronegócio, a guerra no Oriente Médio deve continuar a impactar a rentabilidade dos exportadores. O aumento no preço do diesel e a alta dos fertilizantes estão entre os principais efeitos do conflito, pressionando os custos de produção em um momento importante para o campo.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Fev. 2025/2026



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 8 mar. 2026.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

O diesel, que é essencial tanto para as máquinas quanto para o transporte da produção, já registra aumento por causa da valorização do petróleo no mercado internacional. Isso encarece desde o plantio até o escoamento da safra. Ao mesmo tempo, os fertilizantes também ficaram mais caros, o que preocupa produtores que já começam a planejar os próximos ciclos.

O Brasil, assim como a Bahia, depende fortemente da importação desses insumos, o que deixa o setor mais vulnerável a crises externas. Com isso, qualquer instabilidade internacional acaba refletindo diretamente no bolso do produtor/exportador rural.

A novidade, em fevereiro, em relação aos segmentos de exportação do estado, é a mudança no regime de *drawback* para importação de cacau, em uma resposta tempestiva do governo federal diante da instabilidade na cadeia produtiva.

O *drawback* permite importar insumos sem pagar tributos quando eles são usados na produção de bens

para exportação. No caso do cacau, as indústrias podiam importar a amêndoa no exterior com isenção de tributos, processá-las no Brasil e exportar derivados como manteiga, pó ou pasta.

Antes da medida, as moageiras poderiam estocar durante dois anos o cacau importado. Agora, esse prazo foi reduzido para seis meses. A medida beneficia os produtores, pois as indústrias faziam estoques de cacau importado com subsídios, sem precisar comprar dos produtores brasileiros durante a safra.

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) argumenta que o setor cacauzeiro “atravessa período de elevada volatilidade no mercado internacional, com reflexos sobre os preços pagos ao produtor nacional de amêndoas de cacau”. Essa dinâmica, associada ao aumento recente das importações de amêndoa pela indústria processadora, tem gerado “impactos econômicos e sociais relevantes nas regiões produtoras, sobretudo nos estados da Bahia e do Pará”.

**Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan/fev. 2025/2026**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2025	2026		2025	2026			
Soja e derivados	614.995	591.787	-3,77	237.939	228.818	-3,83	15,79	-0,06
Metais preciosos	48	117	145,23	133.138	225.551	69,41	15,57	-30,92
Papel e celulose	506.419	493.234	-2,60	225.791	220.205	-2,47	15,20	0,13
Algodão e seus subprodutos	115.674	108.812	-5,93	189.358	164.904	-12,91	11,38	-7,42
Minerais	78.702	84.582	7,47	64.385	140.491	118,20	9,70	103,04
Petróleo e derivados	821.793	259.552	-68,42	442.726	115.764	-73,85	7,99	-17,21
Químicos e petroquímicos	84.246	64.864	-23,01	105.773	79.725	-24,63	5,50	-2,10
Cacau e derivados	8.456	7.296	-13,72	88.598	65.763	-25,77	4,54	-13,97
Café e especiarias	20.401	10.164	-50,18	106.678	59.719	-44,02	4,12	12,36
Borracha e suas obras	6.274	4.463	-28,87	34.400	26.923	-21,74	1,86	10,03
Metalúrgicos	30.580	21.393	-30,04	40.313	26.814	-33,49	1,85	-4,92
Frutas e suas preparações	15.589	20.535	31,73	16.869	23.931	41,86	1,65	7,69
Sisal e derivados	11.904	9.853	-17,23	17.019	14.556	-14,47	1,00	3,33
Calçados e suas partes	401	307	-23,61	13.759	9.323	-32,24	0,64	-11,30
Couros e peles	5.341	5.925	10,93	6.816	8.375	22,87	0,58	10,76
Carne e miudezas comestíveis	1.219	1.687	38,31	4.809	7.685	59,78	0,53	15,53
Fumo e derivados	75	292	289,15	3.320	6.437	93,88	0,44	-50,18
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	282	270	-4,35	5.267	4.860	-7,73	0,34	-3,53
Milho e derivados	90.842	1.736	-98,09	19.362	378	-98,05	0,03	2,20
Demais segmentos	26.191	17.068	-34,83	23.099	18.560	-19,65	1,28	23,30
<b>Total</b>	<b>2.439.432</b>	<b>1.703.935</b>	<b>-30,15</b>	<b>1.779.420</b>	<b>1.448.782</b>	<b>-18,58</b>	<b>100,00</b>	<b>16,56</b>

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 mar. 2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>.  
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

As importações, tiveram incremento em fevereiro de 21,2%, principalmente de combustíveis (petróleo cru, óleo diesel e gasolina) oriundos dos EUA, Gabão e Argentina, já com a guerra no Oriente Médio pressionando as cotações das *commodities* energéticas.

Também houve aumento de 455,0% de bens de consumo, mais uma vez puxado pelo aumento na compra de veículos de passeio, exclusivamente chineses.

Os bens intermediários (insumos e matérias-primas destinadas à indústria), que representaram quase 55,0% do valor importado, tiveram retração de 13,0% no mês. O movimento sugere acomodação da demanda doméstica e possível ajuste de estoques.

As importações baianas, em janeiro, embora em menor intensidade, também registraram recuo de 8,7% ante o mesmo mês de 2025, totalizando US\$ 806,2 milhões. As compras externas no mês passado superaram as exportações, gerando um déficit comercial para o estado em US\$ 198,2 milhões.

Houve queda nas importações de bens intermediários (-38,5%) – a categoria representa, na média, mais de 55% de tudo o que a Bahia importa –, e de bens de capital

**Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan/fev. 2025/2026**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2025	2026	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	1.102.231	804.207	-27,04	50,42
Combustíveis e lubrificantes	287.182	455.920	58,76	28,59
Bens de capital (BK)	30.459	248.161	714,73	15,56
Bens de consumo (BC)	112.045	86.619	-22,69	5,43
Bens não especificados anteriormente	1.423	0	-100,00	0,00
<b>Total</b>	<b>1.533.340</b>	<b>1.594.907</b>	<b>4,02</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 mar. 2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI)

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

(-5,9%). As compras de bens de consumo seguem com forte alta (981,4%), impulsionadas principalmente pela importação de veículos. Depois de meses no vermelho, o setor de combustíveis teve alta de 6,4%.

O arrefecimento da atividade econômica diante do nível elevado dos juros no país tem levado a uma redução da demanda do setor produtivo, fator que explica o recuo das importações, principalmente de bens intermediários e de capital.

